

Crise asiática pode afetar o crescimento econômico, mas não mudará a política do governo brasileiro

Juro volta a cair no fim do mês

■ *Malan reafirma que câmbio continuará sendo desvalorizado acima da inflação, como em 97*

O MINISTRO da Fazenda, Pedro Malan, afirmou ontem que haverá nova queda nos juros neste final de mês, dando continuidade à política de redução gradual das taxas. Ele assegurou ainda que o câmbio continuará sendo desvalorizado acima da inflação, como ocorreu em 1997. Não haverá alteração na política cambial. A crise mundial deve forçar um menor crescimento da economia do Brasil. O mais importante, segundo ele, é que o Brasil entrará no sexto ano consecutivo de crescimento econômico. A seguir, os principais pontos abordados pelo ministro:

"NOSSA RESPOSTA FOI RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE"

■ **PANORAMA** - O que está acontecendo no mundo hoje é uma crise cuja origem vem da Ásia, inicialmente do sudeste asiático - alguns países como Indonésia, Malásia e Filipinas. E hoje afeta outras economias da região. A economia japonesa - que é a segunda maior economia do mundo - está praticamente estagnada há seis, sete anos, com crescimento médio da ordem de 1% do PIB nesse período por problemas no seu sistema financeiro, que só agora começam a ser enfrentados como deveriam ser.

■ **RESISTÊNCIA** - O Brasil tem de mostrar sua capacidade de resistir, de reagir e de lidar com eventuais apostas contra o Real, é essa nossa capacidade de mostrar que nós temos, como país, condições de caminhar para equacionar os nossos problemas. É o que estamos fazendo, isso é reconhecido hoje internacionalmente. A resposta que o Brasil deu à turbulência de outubro hoje é reconhecida como sendo a resposta correta, apropriada e é elogiada internacionalmente. Essa é a melhor defesa contra esse tipo de turbulência.

■ **JUROS** - Quando elevamos a taxa do BC nós dissemos que a trajetória a partir dali seria uma trajetória declinante ao longo do tempo. É claro que sempre deixamos absolutamente em aberto a velocidade, a intensidade e a graduação desse trajetória de declínio, por que isso dependeria não só do contexto internacional, como também da evolução da situação da economia brasileira. Note que a taxa foi elevada no dia 30/10 e menos de três semanas depois, na reunião do COPOM do dia 19/11, ela já teve uma redução. Na reunião do mês seguinte, em dezembro, houve uma outra continuidade da redução. O que

eu quero dizer é que na reunião do COPOM no final de janeiro nós daremos uma continuidade nessa trajetória de declínio das taxas de juros. Mas nós nos reservamos o direito de não alimentar especulações sobre qual é exatamente a magnitude e a intensidade dessa queda, por que nós nos reservamos o direito de decidir à luz das circunstâncias, na data que já é conhecida, em que essa decisão é tomada. Quer dizer, a trajetória é uma trajetória declinante da taxa de juros como nós dissemos desde o início.

■ **CÂMBIO** - Eu quero reiterar aqui que nós não pretendemos alterar a nossa política cambial, que tem uma flexibilidade já conhecida. Nós não temos um regime de conselho de moeda do tipo da Argentina, com uma taxa de câmbio fixa. Temos uma política cambial flexível, que na verdade vem levando a uma desvalorização do Real em relação ao dólar norte-americano. O ano passado, por exemplo, nós desvalorizamos o Real em relação ao dólar em quase 7,5%. A taxa de inflação, medida pelos índices de preços ao consumidor ficou em menos de 4,5%. Portanto isso é uma desvalorização real que já vem tendo lugar em relação ao dólar norte-americano. E nós não pretendemos alterar o sentido geral da política cambial com a flexibilidade que ela tem e com a maneira pela qual vem sendo conduzida.

■ **PERSPECTIVAS** - 98 será mais um ano de estabilidade do poder de compra do salário do trabalhador, que é um ganho que nós achamos que é expressivo. Do ponto de vista de crescimento, se 1997 foi o quarto ano consecutivo da inflação numa trajetória de queda, 1998 será o quinto, 1997 foi o quinto consecutivo de crescimento da econo-

mia e 1998 será o sexto ano consecutivo de crescimento da economia. Ele não será expressivo no primeiro trimestre de 98, mas ele iniciará uma recuperação a partir de algum momento do segundo trimestre, que terá continuidade no terceiro e quarto trimestre do ano. O crescimento será mais baixo do que nós estávamos contemplando antes da crise internacional, por razões óbvias. Mas será um crescimento positivo pelo sexto ano consecutivo.

Eu acho que essa crise estará conosco por algum tempo, mas eu não tenho dúvida de que ela será resolvida de uma maneira ou de outra. Afinal, o Japão é a 2º maior economia do mundo, 4,7 trilhões de dólares é o seu PIB, tem reservas internacionais de 230 bilhões de dólares... tem um custo, mas ele será capaz de superá-la.

■ **ARSENAL** - Eu acho que nós mostramos, depois da última semana de outubro do ano passado, com várias respostas que tivemos - num primeiro momento a resposta no âmbito do BC, que foi a resposta correta naquele momento, naquela situação de emergência; depois com a resposta do Executivo, que foi a apresentação de um conjunto de medidas de natureza fiscal, que vão permitir um ganho fiscal de R\$ 20 bilhões neste ano de 98; depois com a resposta do Congresso, uma excelente resposta em cooperação com o Executivo, não só aprovando aquilo que lhe cabia aprovar; por exemplo, as leis que precisavam de aprovação do Congresso em relação ao IR foram aprovadas em menos de um mês depois que nós as anunciamos, e foi uma excelente cooperação do Congresso, que percebeu a necessidade de uma resposta que não ficasse restrita ao Executivo.